

GUINÉ 1973-74

————— Fernando Cardoso de Sousa

Corria o mês de março de 1973 quando todo o meu curso de Infantaria, entrado na Academia Militar em 1967 e terminado o tirocínio na Escola Prática de Mafra, em 1972, foi enviado para um estágio operacional em África, sendo distribuído, em partes proporcionais, por Angola, Moçambique e Guiné, por ordem decrescente de nota final. A ideia era estarmos lá um ano, mudando de companhia operacional a cada quadrimestre, como adjuntos do comandante de companhia, sem atribuição direta de funções, ficando o último quadrimestre para adjunto do oficial de operações de um comando de batalhão. A ideia era boa mas a prática não, pois a pessoa só aprende se faz e não se apenas vê fazer. Em todo o caso, essa não deixou de ser a experiência mais marcante da minha vida pois, apesar da Guiné não me calhar por ordem de classificação, eu achei que, se queria testar a minha capacidade profissional em ambiente de combate, o melhor seria ir para onde as coisas eram mais difíceis e ofereci-me para prestar serviço nesse teatro de operações.

E no dia 3 de Março embarquei no paquete Uíge, juntamente com mais oficiais estagiários e de rendição individual, aproveitando o transporte de mais um contingente que ia iniciar a sua comissão. A viagem decorreu sem problemas e uns dias depois atracámos ao largo de Bissau, sendo imediatamente “atacados” por um bafo de ar quente e insalubre, de um clima que se constituiu como o meu principal inimigo e do qual resultaria uma bronquite crónica.

E ficámos na messe de oficiais a aguardar colocação. Mais conhecida por “Biafra”, a messe era uma caserna com beliches, vagamente ventilada por algumas ventoinhas preguiçosas, e eu recebi um lençol, também vagamente branco. Pelo menos era algo igualitário, já que era impossível que os sargentos e soldados tivessem um alojamento com piores condições, incluindo a alimentação. No entanto, justiça seja feita, havia uma piscina...e tinha água.

Passados uns dois dias, lá recebi uma guia de marcha para me apresentar no quartel de Encheia, pertencente ao batalhão de Bissorã, a uns 30km de Bissau, sendo necessário fazer parte do trajeto de barco, já que a Guiné tem quase mais água que terra, durante a maré cheia, numa variação impressionante da

superfície aquática entre marés. Trata-se de um imenso estuário de vários rios, que se ramificam como capilares por todo o território, deixando um solo de lodo com cheiro nauseabundo mas extremamente fértil, em que é possível ter até três colheitas num ano, sem qualquer tipo de adubo.

Entre troços percorridos em Unimog e travessias por canoa, lá cheguei a um aquartelamento rudimentar, junto a um aldeamento dos que o general Spínola mandava construir para apoio das populações. Ignorante como era em tudo o que dizia respeito àquele ambiente, (na Academia não recebíamos qualquer preparação para melhor entender aquelas terras e gentes), eu estava sempre à espera de ver um grupo armado surgir do meio do mato, ou de dentro de alguma cubata; mas todos pareciam movimentar-se sem receio. Havia como que uma espécie de acordo em que, independentemente de se ser do Exército Português, ou do PAIGC, só se combatia no “chão” do inimigo, quando em grupos de combate ou bombardeamentos organizados. Assim, eu poderia estar calmamente a confraternizar, sem o saber, com um combatente do PAIGC, de manhã, no seu aldeamento, e a combatê-lo à tarde, numa zona “libertada”. O “chão” era geralmente identificado com uma etnia, numa designação que não se aplicava às zonas ditas libertadas, em que confluíam várias etnias. O local em que me encontrava era “chão” Balanta – uma etnia maioritária na Guiné-Bissau, com origem no Senegal e no Congo, que me impressionou vivamente pela sua resiliência e coragem física.

Voltando à parte militar, constatei que a companhia ali aquartelada era comandada por um oficial miliciano, quando seria de esperar que eu fosse colocado sob o comando de um oficial do quadro. O problema é que não havia capitães do quadro à frente de companhias de quadrícula, a menos que tivessem sido punidos. Por isso, lá entenderam que eu não ficaria mal com um miliciano que, pelos vistos, já tinha obtido bons resultados em combate nos primeiros tempos da sua comissão. Como verifiquei depois, o capitão em causa era um espertalhaço que convencia o comandante de batalhão que andava sempre com patrulhas no mato quando, na verdade, quase não saía do quartel. Até assisti a uma espécie de tourada com o comandante de batalhão a sobrevoar a presumível zona de patrulhamento numa DO (Dornier)¹, enquanto o capitão, sentado à porta do quartel, de rádio AVP-1 na mão, fazia a DO passear pela região, à procura da patrulha fantasma, até conseguir levá-la

(1) Avião monomotor de asa alta e trem de aterragem fixo, usado na guerra colonial.

à suposta vertical da força, respondendo à dúvida do comandante em não conseguir ver a patrulha, que isso se devia à densidade da vegetação.

A companhia era um espanto de força desorganizada, sem qualquer tipo de horário, instrução ou formatura, em que o pessoal se entretinha não sei bem como, exceto a ir tomar banho ao rio e a encontrar forma de se diferenciar pelo arranjo do fardamento, já que não se conseguia ver dois soldados com a mesma farda. Enquadrada por três oficiais milicianos, nunca os vi sair para o mato, já que um estava dispensado por estar encarregue do aldeamento; outro, de operações especiais, estava de baixa; e outro também não saía, já não sei por que razão.

Das poucas vezes que saí, em escoltas de transporte, ou patrulhas feitas a meu pedido, foi com grupos chefiados por furriéis milicianos, que faziam o mínimo possível, atrás de guias nativos que evitavam entrar em território inimigo, e usando fotografias aéreas de 1:50.000 que de pouco serviam para nos orientarmos num terreno cheio de vegetação e sem elevações ou outras referências para além dos rios, eles também instáveis e dependentes da maré. Mesmo assim, numa das vezes que entrámos ligeiramente em território inimigo e um dos guias acionou uma mina, logo estalou fogo cerrado das sentinelas do PAIGC, a que um dos grupos se furtou de imediato, alegando que, naquela semana, era o outro grupo que estava de serviço.

Como seria de esperar o aquartelamento foi bombardeado várias vezes, sobretudo com foguetões, num espetáculo muito superior a qualquer fogo-de-artifício, felizmente sem consequências, e as patrulhas encarregues de dar proteção a colunas de transporte foram emboscadas algumas vezes, milagrosamente também sem consequências. Com efeito, graças a uma falta de treino notável de ambas as partes, à vegetação muito densa e a muita sorte, nunca tivemos feridos, militares ou civis, para além dos acidentados ao saltar das viaturas, e apesar da intensidade do fogo de ambos os lados ser impressionante nos primeiros minutos, fazendo-se depois o silêncio, simplesmente porque se tinham esgotado as munições.

Os civis, exibindo uma expressão de enfado por terem de interromper a viagem, metiam-se rapidamente debaixo das viaturas, aí ficando a aguardar o final do tiroteio. Quanto aos militares, todos disparavam tudo o que tinham, o mais rapidamente que conseguiam, sem sequer verem para onde é que estavam a disparar, talvez porque assim reduziam o estado de pânico autêntico

em que se encontravam. Lembro-me que uma vez perguntei a um furriel porque é que procediam assim, em vez de tiro a tiro, ao que ele respondeu: - “Ó meu alferes, isto quem faz mais barulho é que ganha e eu só não disparo mais depressa porque a alavanca de segurança não vai mais para a frente”.

Num cenário em que eu não tinha funções, nem se passava nada que merecesse uma atenção especial, dentro de um isolamento total do que se passava no resto do território, sem rádio, tv ou jornais, tive a sorte de encontrar um caixote do Serviço Nacional Feminino, contendo uma velha biblioteca de escritores franceses e ingleses do período romântico. Foi a minha safra e, só por isso, ficarei para sempre agradecido a essas senhoras. Durante esse período decorriam acontecimentos fulcrais para a Guiné e para Portugal, de que eu só soube por acaso, tal como aconteceu em setembro, com a declaração de independência da Guiné, (reconhecida por 80 países), com os ataques a Guidaje, na fronteira norte, e a Guileje, no sul, de que resultou a debandada dos militares aí estacionados, que chegaram a Bissau em pânico absoluto, e cujo drama eu presenciei porque estava lá de partida para Lisboa, devido à morte inesperada do meu pai.

Das célebres movimentações de oficiais, que haviam de ocasionar a famosa carta de protesto ao decreto 353/73 de Sá Viana Rebelo, nada soube, assim como só tive conhecimento do Movimento dos Capitães quando regresssei a Lisboa, em 1974. Também não recorro se cheguei a saber do assassinato de Amílcar Cabral. Mesmo assim, ainda recebemos a visita inesperada do general Spínola, concluindo, afinal, que alguém se preocupava connosco. Como nota suplementar, o general mandou-me chamar porque o meu pai – um civil sem qualquer ligação à estrutura militar – lhe tinha escrito a dar-lhe conta do orgulho que sentia pelo filho se ter oferecido para a Guiné. Bem hajam, meu querido pai!

No entanto, começaram os ataques dos mísseis terra-ar Strela, o que ditou, de imediato, o cancelamento de todos os voos da Força Aérea, deixando nós de ter apoio aéreo e abastecimentos de frescos. A partir daí as patrulhas saíam com uma pesada maca às costas, o que é o mesmo que dizer que qualquer ferido não tinha hipótese de salvação. Sem vegetais frescos, a alimentação ficou reduzida a conservas, o que nos valeu vários meses a conservas de chispe, com as naturais consequências no estômago. Felizmente tínhamos alguma carne dos caçadores nativos, que nos traziam animais que se alimentavam de formigas, já que mais nenhum animal selvagem se podia movimentar

ou alimentar naqueles terrenos alagados (os naturais tinham uma técnica de transpor o lodo, apoiando-se nas canelas, que nunca consegui aprender, enterando-me invariavelmente).

Também se conseguiu um ou outro voo civil que nos trazia os ambicionados frescos, mas a procura de tantos quartéis isolados era demasiada para as poucos pilotos civis existentes que, de certo modo, deram uma lição de coragem à nossa FA. Apesar de tudo isso, sejamos francos, foi ali que comi autênticos manjares, como uma vez que eu, o capitão e o administrador de posto comprámos e consumimos, numa tarde, 200kg de ostras do tarrafo (ostras que se desenvolviam à volta dos caules da vegetação), assadas na fogueira e temperadas com molho de limão e piri-piri, mais duas grades de cervejas.

Também foi ali que me deparei com a força na natureza que fazia tudo de maneira avassaladora: tempestades tropicais em que o céu parecia que nos ia cair em cima; incêndios devastadores, provocados pelos relâmpagos, que consumiam toda a savana como se fosse gasolina, mas que nem sequer chamuscavam as árvores, mais duras que cimento; as pragas de todos os insetos possíveis, em que era possível acordar com o chão todo branco de asas de formiga, ou como que a ondular, sob um manto vermelho de milhões de escaravelhos; ou completamente preto de grilos, que emitiam um barulho ensurdecedor e eram esmagados aos milhões pela passagem das viaturas; e as formigas, triliões delas, de todas as variedades possíveis, que provocavam um arejamento impressionante do solo, favorecedor das tais três colheitas anuais; e as térmitas, com os seus ninhos elevados, totalmente indestrutíveis, mesmo com dinamite. Mas nada se comparava às nuvens de mosquitos, que não nos deixavam sossegar, de manhã e de noite, e nos obrigavam a comer sentados nas costas das cadeiras, para podermos esmagar alguns entre garfadas. Nenhuma proteção era suficiente pois perfuravam até o tecido mais grosso, sendo a única solução ganhar resistência à picada, depois de apanhado o paludismo e outras doenças, e utilizar sempre o mosquiteiro e o fumo do inseticida “Leão Brand” para conseguir dormir. E tudo isto debaixo de temperaturas inimagináveis que, não raro, ultrapassam os 50º. Por isso quase não havia europeus, já que era impossível aos caucasianos aguentarem muito tempo aquele clima, a menos que se sujeitassem à mesma esperança de vida dos naturais, que em pouco ultrapassava os 35 anos. A impressão que dava é que o ser humano não fazia parte daquele local, sendo que, caso se fosse embora, aquela natureza selvagem rapidamente apagaria qualquer vestígio da sua existência.

Daquele período tão difícil conclui, sem sombra de dúvida, que não havia qualquer possibilidade de aguentar muito mais tempo aquele território, mesmo que se multiplicasse o contingente ali presente, simplesmente porque as condições eram deploráveis, o treino e o enquadramento inexistentes, e o medo espelhado na face dos soldados, que colocavam a sobrevivência acima de qualquer outra prioridade, sobretudo a partir da segunda metade da comissão, quase que dispensavam a existência de inimigo para uma derrota sem honra. Com efeito, nem era preciso haver baixas em combate, pois os acidentes com armas de fogo e, sobretudo, com viaturas, se encarregavam disso, tal como aconteceu com o capitão da minha companhia, morto num estúpido acidente.

Na verdade devíamos ter regressado todos com o Spínola já que, com a saída dele, já não fazíamos ali nada. Quanto à questão política é discutível, pois talvez houvesse mais naturais interessados em manter-se sob a administração de Portugal do que em aderir ao PAIGC, pois sabiam que dificilmente sobreviveriam como país independente e, mal por mal, antes Portugal. Aliás, com aquela diversidade étnica e religiosa, com separação geográfica definida, qualquer tentativa de formar uma nacionalidade única ou, sequer, de generalizar o uso de uma só língua, seria sempre desajustada.

Dificilmente se pode imaginar experiência mais dramática do que estar meses a fio num aquartelamento de quadrícula, totalmente isolado e sob um clima inclemente, sem abastecimento aéreo de alimentação fresca, em território hostil, sempre com medo de, durante um bombardeamento, sermos atacados dentro do arame, tendo para nos defender a G3 e armamento pesado obsoleto, em que até as granadas de morteiro falhavam frequentemente, pois a humidade permanente a 100% tudo corrompia. No meu caso, entre os terríveis acessos de paludismo e a bronquite crónica, provocada por só conseguir dormir com a ventoinha apontada diretamente sobre o mosquiteiro, e os desarranjos intestinais provocados pela alimentação de conservas, valeram-me a perda de quase 10kg de tecido muscular, de que nunca mais recuperei. Acrescente-se uma afeção permanente do ouvido esquerdo, provocada pela passagem de uma granada de morteiro junto à cabeça, durante um bombardeamento, e um susto de morte, quando, ao regressar esgotado de uma operação, esqueci-me de retirar o carregador nas manobras de segurança, disparando um tiro que, por pouco, não me atingiu a cabeça.

Isto e muito mais, adicionado pelos batismos de fogo e por ter conseguido salvar um soldado de morrer afogado durante uma operação, tornou estes quatro meses a experiência mais forte que eu alguma vez tive na minha vida, fornecendo-me capacidades de avaliação dos outros em situações extremas, em que cada um mostra realmente quem é, que eu nunca poderia ter aprendido de outra forma.

Bissorã

Mas ainda faltavam oito meses para terminar o estágio e transferiram-me para a sede do batalhão, em Bissorã. Local menos selvagem, mais povoado e com algumas vias de comunicação mas, mesmo assim, inóspito e agreste. Os primeiros quatro meses foram passados numa companhia de milícias, comandadas por um capitão miliciano, perfeitamente integrado na sua função de comandar tropas nativas. Homem competente, honesto e divertido, proporcionou-me boas oportunidades de interação com os naturais, tendo-me, inclusive, atribuído o comando de um grupo de combate, em várias operações que realizámos. Nessas saídas, em que eu e o radiotelegrafista éramos os únicos europeus, tive poucos contactos com o PAIGC, talvez porque estes receassem o encontro com esta gente aguerrida e com desprezo pela morte.

Em cada contato, a ação imediata dos soldados era, aos gritos de “agarra!, agarra!” correrem desarvoradamente em direção ao PAIGC, com o único intuito de capturar algo que lhes desse dinheiro, nomeadamente armas que deixassem cair na fuga. É claro que eu não tinha outra solução senão correr atrás deles, não porque fosse especialmente corajoso mas, porque se não o fizesse, arriscava-me a ficar sozinho na selva. Aquela gente não tinha medo de nada exceto das vespas, fugindo ao menor sinal da sua presença e, claro, atraindo-as em sua perseguição. Nessas situações eu limitava-me a ficar quieto, não sendo incomodado pelas vespas, até que, passadas algumas horas, os soldados resolvessem regressar, normalmente com abundantes vestígios de picadas. Aparentemente faziam tudo pelo dinheiro (o sinal de riqueza era um rádio-tijolo, com cassetes, que transportavam ao ombro com o som no máximo), incluindo a venda das rações de combate assim que as recebiam, passando o resto da operação a mascar folhas de coca. Também consumiam toda a água dos cantis assim que tinham sede, bebendo depois dos charcos que encontravam, sem qualquer preocupação de desinfeção ou sequer separação das lamas.

O último período do estágio, passado como adjunto do oficial de operações, foi o mais difícil para mim. Não pelo perigo ou condições climáticas mas, simplesmente, porque não havia nada para fazer. O comando do batalhão era simplesmente do pior que havia e a mim calhou-me um capitão antigo, como oficial de operações, que era a antítese do que se poderia considerar minimamente competente. Avarento no pagamento dos informadores, acabava por ficar com os piores, que inventam grupos inimigos e os “faziam passear” pelo território, recebendo uns dinheiros de cada vez que vinham comunicar nova deteção de movimentos.

Valeu-me ter sido nomeado gerente de messe, o que me dava algum trabalho, e assistir aos “choros” (festas por morte de alguém) da etnia Fula – autênticos espetáculos de cor, dança e música, que me fizeram lamentar ainda mais profundamente nunca ter recebido qualquer preparação para melhor entender aqueles rituais. Também ainda dei umas aulas de francês numa escola improvisada, mas por pouco tempo.

Valeu-me, também, ter conhecido o chefe militar que mais me impressionou na minha vida. Chamava-se Cabá Santiago e era chefe das milícias especiais de Bissorã, tropas nativas que viviam nas suas casas e se reuniam apenas para operações. Assistir a uma saída daquela tropa era um autêntico espetáculo, não propriamente pelo aprumo, pontualidade e eficiência, mas porque fugia a toda a lógica que alguma vez poderíamos imaginar para uma força militar, ainda por cima famosa pelos resultados conseguidos. À hora marcada para o início da operação alguns saíam das suas casas e tomavam uma dada direção, prolongando-se esta saída por mais de uma hora, sem que ninguém esperasse por ninguém, nem o chefe, calmamente sentado a resolver os problemas que lhe iam colocando, parecia importar-se com o caos aparente. O que é verdade é que acabavam por se juntar num dado local, muito longe do ponto de partida, e lá seguiam para a operação, donde regressavam quase sempre com resultados. Cabá Santiago, homem reservado, de grande estatura e voz profunda, quase não falava, mas o seu olhar revelava nobreza e bastava um piscar de olhos para ser prontamente obedecido pelos seus homens, que tinham por ele uma quase veneração, contando inúmeras histórias reveladoras da sua bravura e sabedoria. Infelizmente, com a independência, Cabá foi dos que acreditou nas promessas do PAIG e não quis vir para Portugal, sendo posteriormente assassinado, como muitos outros.

Nota final

Com um texto bem mais extenso do que inicialmente me propus, não creio que haja muita gente com paciência suficiente para o ler. No entanto, foi, para mim, uma boa razão para ordenar os meus pensamentos sobre algo tão importante na minha vida e, por isso, fico reconhecido ao meu amigo João Andrade da Silva e à ASM.

No final considero ter tido muita sorte, pois tendo estado na situação mais difícil (quadrícula isolada), não sofri nenhuma doença ou ferimento incapacitante, nem presenciei atos trágicos como torturas, agonias ou perdas de vidas. Também não estive em situações de pânico, como vi outros que estiveram e que nunca mais irão recuperar do medo que tomou conta deles. É certo que poderia ter tido uma situação mais confortável, se não me tivesse oferecido para a Guiné, que me deixou debilitado e com consequências físicas nefastas, mas não teria obtido a certeza de ser capaz de enfrentar desafios verdadeiramente difíceis, nem de estar seguro da minha escolha da profissão militar. Sentir que se consegue estar calmo debaixo de fogo e em condições de atuar como força coordenada, salvando vidas, é das melhores sensações que um comandante pode ter.

Depois da Guiné dificilmente alguma coisa poderia ter vindo mais difícil, nem mesmo o 25 de Abril, em que participei ativamente, com risco da minha carreira e mesmo da integridade física. A vida ganhou novo significado para mim e nunca mais tive vontade de caçar ou, por qualquer forma, de prejudicar um ser vivo, uma planta, ou mesmo um objeto inanimado. Dei por mim a relativizar mais a importância das coisas, não me envolvendo em causas ou discussões que não mereciam realmente a pena nem o esforço.

Mas foi no comando de tropas que eu penso que a influência foi maior. De um lado o reconhecimento da importância de assegurar uma ação permanente nas tropas, se possível com significado, mantendo rituais fixos como formaturas e horários, e desenhando programas e exercícios que proporcionassem esforços com significado, que garantissem que todos chegavam à noite satisfeitos e com vontade de dormir. Passei a olhar os soldados com mais respeito e consideração, dedicando-me a tornar-lhes útil o período que passavam nas fileiras e a garantir que eram tratados com justiça e sem abusos de poder.

Finalmente e, como já referi, graças ao Movimento Nacional Feminino, encontrei na leitura o conforto de espírito necessário a enfrentar as dificuldades,

já que a boa literatura nos leva a visitar outros locais e situações, bem como a refletir sobre a natureza humana e a vida em geral. De certo modo, foi graças àqueles livros que se foi formando a minha orientação para a reflexão e para a psicologia, que mais tarde iria concretizar com a formação universitária e opção pela atividade de investigação. No entanto, antes dessa opção, foi a consciência da necessidade da formação e treino para tornar a atividade significativa e, no final, para poupar vidas, que ditou a minha orientação dentro do Exército, à qual me dediquei inteiramente e que motivou a publicação de inúmeros livros, artigos e manuais.

Uma última palavra de agradecimento à mãe dos meus filhos, que me ajudou a passar aquele tempo através da escrita de um número impressionante de aerogramas – fonte de salvação de muitos para o isolamento a que estávamos votados.